

ARTE E TRABALHO FEMININO EM OFICINAS DE CRIAÇÃO COM MULHERES ARTESÃS

GAMINO, Sônia Teresinha Grande¹; VIEIRA, Fernanda Noguez²; SILVA, Márcia Alves da³

¹ Acadêmica do Curso de Artes Visuais – Bacharelado UFPel – email: soniaggamino@yahoo.com.br

² Acadêmica do Curso de Pedagogia – UFPel – email: fernandavieira1990@gmail.com

³ Professora da Faculdade de Educação – UFPel - Departamento de Fundamentos da Educação. Orientadora. Email: prof.marciaalves07@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse texto se refere a uma pesquisa que tem como objetivo investigar o processo de construção das identidades de gênero a partir do relato de vivências de mulheres artesãs no mundo do trabalho, basicamente do trabalho artesanal. Dois grupos de mulheres têm feito parte da pesquisa: um grupo formado por mulheres artesãs vinculadas a uma cooperativa localizada na cidade de Pelotas e ainda, acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) que produzem artesanato. A investigação aborda as trajetórias de vidas das mulheres pertencentes aos dois grupos, estabelecendo uma aproximação e um diálogo entre ambos, tendo o artesanato como um vínculo em comum.

Basicamente levantou-se as seguintes questões investigativas: o trabalho artesanal pode ser uma ferramenta para um processo de emancipação feminina no que se refere ao mundo do trabalho? Em que medida a arte contribui para um processo ético-estético de construção e qualificação de sentidos profissionais e existenciais, ressignificando as práticas que já desenvolvem?

Essa proposta se coloca na tentativa de trazer uma contribuição a esse debate, buscando problematizar o mundo do trabalho feminino, a partir da implementação de oficinas de criação coletiva, partindo da concretude das experiências das mulheres artesãs envolvidas. Para dar conta da proposta, buscou-se uma aproximação teórica com o referencial advindo da teoria feminista, basicamente no que se refere à problematização histórica do mundo do trabalho feminino, aliada ao referencial da Arte, mais especificamente da arte-educação, para entender e problematizar as potencialidades criadoras do trabalho artesanal.

Desde a pré-história, quando os seres humanos criaram seus primeiros instrumentos de pedra, passando por todas as sociedades da antiguidade e pela idade média até o século XVIII, a produção artesanal dominava o mundo produtivo. A lógica do capital, implementada fortemente via Revolução Industrial, em grande medida suplantou o artesanato, valorizando a produção em massa propiciada pelo maquinário. Dessa forma, não apenas o trabalho mudou, mas toda a sociedade se transformou a partir da implementação do capitalismo e da acumulação. Essa mudança criou uma ruptura entre criação e produção, ou seja, “[...] enquanto os artesãos criavam o que produziam, os operários contratados pelas novas fábricas eram incapazes de criar (e jamais estimulados a isso!), limitando-se a operar as máquinas que fabricavam em série os produtos[...].” (KUBRUSLY; IMBRIOSI, 2011, p.11).

Abordar a temática do trabalho feminino remete à necessidade de definirmos a concepção de trabalho a qual nos aliamos. Isso se deve ao fato de que as concepções tradicionais sobre trabalho formal e/ou mercado de trabalho não dão conta de uma diversidade de atividades historicamente exercidas por mulheres e

que, muitas vezes, 'escapam' das estatísticas oficiais. Dessa forma, há a necessidade de ressignificarmos esse conceito, incorporando e nos apropriando de elementos advindos de uma produção específica com esse intuito, especialmente oriundos da teoria feminista. Trata-se de um campo de estudos que está longe de esgotar sua produção, mas que aponta vários caminhos promissores.

Dessa forma, podemos afirmar que as mulheres sempre trabalharam, embora seu trabalho tenha sido desvalorizado pelo capitalismo, que passa a valorizar as atividades que geram mais-valia e que são executadas em espaços públicos, menosprezando-se o espaço doméstico. Por isso nos aproximamos do conceito de divisão sexual do trabalho (HIRATA, 2002; HIRATA & KERGOAT, 2007; KERGOAT, 2003) que dá conta das atividades exercidas historicamente por mulheres e, além disso, reconhece que a divisão social do trabalho é marcada pelas diferenças de gênero, pois *"o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um 'destino' biológico, mas sim de construções sociais"* (SILVA, 2011, p. 115).

2. METODOLOGIA

As histórias de vida são importantes na proposta por visibilizar as trajetórias das mulheres envolvidas. São nessas histórias que se encontram as raízes dos seus fazeres e de suas aprendizagens, tanto no artesanato como na docência e no que se refere aos papéis sociais de gênero que incorporam em seus cotidianos.

A metodologia utilizada nessa investigação no resgate e tratamento das narrativas auto(biográficas) é oriunda da corrente teórico-metodológica denominada pesquisa-formação, tendo como um de seus principais expoentes o referencial construído por Marie-Christine JOSSO (2004). Nessa perspectiva, se percebe o biográfico *"como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos"* (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.26).

DELORY-MOMBERGER (2008) denomina sua metodologia de pesquisa-formação como "ateliê biográfico de projeto". Adaptando essa ideia para nossa experiência de pesquisa desenvolvemos o conceito de "ateliê biográfico de artesanaria", nos referindo aos momentos coletivos de produção artesanal.

Os "ateliês biográficos de artesanaria" dizem respeito às produções artesanais materializadas em oficinas que possibilitam a troca de experiências no que se refere às aprendizagens em artesanato, possibilitando, dessa forma, momentos de trocas de vivências entre os dois grupos participantes. Essa iniciativa surge com a intenção de valorizar e assumir a incorporação dessas atividades produtivas na constituição das identidades femininas em questão. Incorpora-se na perspectiva de valorização das experiências de trabalho das mulheres. A forma metodológica adotada nas oficinas tem sido a forma proposta por Meira (2007) que são denominadas de Oficinas de Criação Coletiva, que possibilitam a construção de saberes partindo de vivências para chegar à consciência e ao conhecimento em arte e saberes estéticos, tão cognitivos quanto qualquer outro.



Figuras 1 e 2: Oficinas de fuxicos e bijouterias, jan e fev. 2013. [Acervo do Projeto]

Para responder a questão que a investigação suscita buscou-se: 1) coletar narrativas das envolvidas sobre suas trajetórias formativas e suas identidades de gênero, buscando resgatar suas histórias de vida no mundo do trabalho feminino, a partir do referencial teórico-metodológico da pesquisa formação de Marie-Christine JOSSO (2004); 2) ampliar os referenciais de gênero e trabalho feminino com o grupo, a partir da apropriação de conceitos da teoria feminista, como ‘divisão sexual do trabalho’, dessa forma problematizando o artesanato na interface com os estudos de gênero e, ainda; 3) construir um espaço de convivência e criação, numa perspectiva existencial e profissional, enquanto distinta da criação de ‘belas obras’, mas sim em direção à revisitação de suas trajetórias de vida e de trabalho. Esse espaço denominou-se de Oficinas de Criação Coletiva, Artesanato e Arte Popular. Para isso, nos baseamos no referencial construído por MEIRA (2007), que aponta que a principal característica pedagógica das Oficinas de Criação Coletiva é possibilitar perceberem-se as tensões, as vibrações, os silêncios, muitos deles não captáveis desde a razão ou sob códigos e explicações convencionais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere ao artesanato, historicamente ele permanece sendo realizado por mulheres em seus lares, num processo manual que confronta a massificação e superprodutividade do processo industrial. Essa atividade foi inclusive incentivada pela Igreja, pois se constituía numa forma pedagógica de aprendizagem dos “papéis femininos”. Inclusive muitas escolas formais tinham o aprendizado em artesanato como parte de seu currículo. Dessa forma, portanto, o domínio dos chamados “trabalhos manuais” era fundamental para o exercício da feminilidade.

Assim, temos muitas gerações de mulheres formadas nessa perspectiva. Nossa pesquisa visibiliza essa realidade, pois nos depoimentos colatados das participantes, fica claro que a aprendizagem com o artesanato se deu já na infância e com mulheres mais velhas da própria família (mães, avós, tias, etc.). Compreendemos que essa realidade histórica manteve o artesanato ‘vivo’, pois são saberes que resultaram de aprendizagens, em grande medida familiares. Dessa forma, o artesanato tem se mantido durante séculos e perdura até hoje. Por isso tratamos essa atividade com tamanho respeito porque compreendemos que falar de artesanato é, de certa forma, falar das mulheres.

Dessa forma incorporamos o artesanato em nossa pesquisa, como uma forma de nos aproximarmos das trajetórias femininas e, mais do que isso, como uma forma metodológica de cada participante ‘narrar sua história’, de forma que a própria arte criada se constitua em um dado da investigação.

Enfim, trata-se de diversas histórias de vida que visibilizam trabalhos femininos, no qual o artesanato tem tido papel de destaque. A pesquisadora mexicana Marcela LAGARDE (2005) desenvolve uma categoria que é bem apropriada para essa discussão, que é a categoria de ‘madresposa’, que sintetiza muito bem o papel social exercido pelas mulheres, em grande parte girando ao redor da conjugalidade e da maternidade. Nesse contexto, tão vinculado ao espaço doméstico, encontramos o trabalho artesanal, enquanto atividade ‘invisível’ e, portanto, desvalorizada socialmente.

4. CONCLUSÕES

Esperamos que a investigação venha a contribuir num processo emancipatório para as mulheres envolvidas, que essa ‘visitação’ as suas próprias trajetórias contribua para uma ressignificação e um amadurecimento enquanto seres humanos. Buscamos um processo de consciência dessas mulheres sobre suas próprias trajetórias de trabalho para que, dessa forma, elas possam planejar seu futuro e qualificar sua atuação, nos mais diversos espaços sociais no qual atuam em seu cotidiano. É importante que as mulheres valorizem o que fazem, percebendo que as atividades feitas nos lares é tão importante quanto as atividades exercidas nos espaços públicos, historicamente delegados aos homens.

Queremos, também, que a arte contribua para o processo não só de formação, mas existencial, processo este que, além de incluir a arte e seus saberes, configure-se como a busca de ações éticas, estéticas, políticas e epistemológicas, na construção e qualificação de sentidos profissionais e existenciais das participantes, transformando-se num espaço de ressignificação sobre as práticas e papéis que as participantes já desenvolvem - como estudantes, professoras, artesãs, mães, esposas etc., e também de alegria, prazer, jogo e reflexão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, 2007, v.37, n.132, p.595-609.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- KUBRUSLY, Maria Emília; IMBRIOSI, Renato. **Desenho de fibra**: artesanato têxtil no Brasil. Rio de Janeiro: SENAC, 2011.
- LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Los cautiveros de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4. ed. México: UNAM, 2005.
- MEIRA, Mirela R. **Metamorfoses pedagógicas do sensível e suas possibilidades em “Oficinas de Criação Coletiva”**.2007. 157f. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SILVA, Márcia Alves da. “Confecionando” reflexões sobre o trabalho feminino artesanal. In: _____ (org.) **Gênero, sexualidade, educação e conhecimento**. Pelotas: Editora da UFPel, 2011.